



DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

Luciana da Silva Teixeira
Consultora Legislativa da Área IX
Política e Planejamento Econômicos,
Desenvolvimento Econômico, Economia Internacional

ESTUDO

NOVEMBRO/2004



Câmara dos Deputados
Praça 3 Poderes
Consultoria Legislativa
Anexo III - Térreo
Brasília - DF



SUMÁRIO

I. Introdução.....	3
II. Situação do Desemprego no Brasil.....	3
III. Homicídios	5
IV. Fatores socioeconômicos e riscos de homicídio em municípios brasileiros.....	5
V. Índícios de correlação entre taxa de ocupação e violência em alguns municípios de regiões metropolitanas brasileiras.....	6
VI. Conclusões.....	9

© 2004 Câmara dos Deputados.

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citadas a autora e a Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. São vedadas a venda, a reprodução parcial e a tradução, sem autorização prévia por escrito da Câmara dos Deputados.

Este trabalho é de inteira responsabilidade de seu autor, não representando necessariamente a opinião da Câmara dos Deputados.

DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

Luciana da Silva Teixeira

I. INTRODUÇÃO

Pesquisa Datafolha, realizada em março deste ano, constatou que, para metade dos brasileiros, o desemprego é o principal problema do País, seguido da miséria e da violência.

Os três problemas que mais afligem os brasileiros parecem estar interligados: as altas taxas de desemprego da última década parecem estar associadas à escalada da miséria e às elevadas taxas de violência no Brasil.

A pressão social gerada pela deterioração do mercado de trabalho pode ser apontada como uma das causas do crescimento assustador da violência nas últimas décadas. A pesquisa Síntese de Indicadores Sociais divulgada em abril pelo IBGE revela que, de 1980 a 2000, cerca de 600 mil brasileiros foram assassinados.

Os dados da violência em nosso País mostram a falta de perspectiva principalmente da população jovem, que não encontra emprego, tornando-se presa fácil dos traficantes de drogas. Não é por acaso que, na mesma faixa etária em que se verificou crescimento assustador da violência, concentram-se 45% dos desempregados da Nação, de acordo com o Ministério do Trabalho. Esses dados apontam, mais uma vez, para uma possível correlação entre desemprego e violência no Brasil.

Esse estudo pretende mapear os determinantes da criminalidade no País e verificar se, de fato, as altas taxas de desemprego, bem como o porte dos municípios, estão associados a maiores índices de criminalidade.

II. SITUAÇÃO DO DESEMPREGO NO BRASIL

Em que pese as reduções das taxas verificadas desde maio do corrente ano, o desemprego encontra-se ainda em patamares inaceitáveis. Em abril, a taxa de desocupação para as seis regiões metropolitanas pesquisadas foi de 13,1%, ou seja, há cerca de 2,8 milhões de trabalhadores sem emprego somente nas regiões pesquisadas. Em todo o País, estimativas conservadoras indicam que existem quase 10 milhões de brasileiros sem emprego.

Tabela 1. Taxa de Desemprego – regiões metropolitanas brasileiras (%)

Mês e Ano	Tx. de desemprego
jan/03	11,2
fev/03	11,6
mar/03	12,1
abr/03	12,4
mai/03	12,8
jun/03	13,0
jul/03	12,8
ago/03	13,0
set/03	12,9
out/03	12,9
nov/03	12,2
dez/03	10,9
jan/04	11,7
fev/04	12,0
mar/04	12,8
abr/04	13,1
mai/04	12,2
jun/04	11,7
jul/04	11,2
ago/04	11,4

Fonte: IBGE

O aumento do desemprego tem sido acompanhado pela precarização do mercado de trabalho, com o aumento da informalidade e a diminuição da renda do trabalhador. Dados da Fundação Seade/Dieese mostram que, a despeito da pequena recuperação do rendimento médio real das pessoas ocupadas ao longo de 2004, esse rendimento, em julho de 2004, foi 20,37% menor em comparação com 1998. A tabela a seguir mostra que, em 1998, o rendimento médio real dos ocupados era de R\$ 1.017,50, passando a R\$ 810,17, em julho de 2004.

Tabela 2. Rendimento Médio Real dos Ocupados (em reais de janeiro de 2004).

Ano	Rendimento
1998	1017,50
1999	980,33
2000	948,67
2001	923,67
2002	898,50
2003	803,17
2004	810,17

Fonte: Dieese

III. HOMICÍDIOS

De acordo com o Ministério da Saúde, “o Brasil, ao longo das últimas duas décadas, vem se destacando como um país onde os óbitos por violência (causas externas) adquirem um peso significativo na estrutura geral dos óbitos, afetando, principalmente, a população masculina”.

Na década de 90, os homicídios assumiram o primeiro lugar entre as mortes resultantes de causas externas (quase 40%), que englobam ainda acidentes de transporte terrestre (26%), suicídios, afogamentos, intoxicações e quedas.

Dado alarmante indica que, entre 1990 e 2000, os homicídios foram responsáveis 401.090 óbitos no Brasil. Somente em 2001, foram registrados 46.685 homicídios, a maior parte causado pelo uso de armas de fogo (71,5%). Deste total, 89% ocorreram na faixa etária de 15 a 49 anos de idade.

Mais preocupante ainda é a informação de que, superando todas as enfermidades e outras formas de morte violenta, os homicídios estão entre a principal causa de morte para jovens entre 15 e 19 anos, sendo o risco de morte 12 vezes maior para homens que para mulheres. Além disso, esse risco é quase 3 vezes superior para um homem domiciliado na região Sudeste em relação à região Sul. Porém, verificou-se no Sul que, entre adolescentes do sexo masculino, o incremento do risco de morte por homicídios é similar ao do Sudeste, indicando uma possível mudança no perfil desta região em um futuro próximo.

Tabela 3. Taxa de Homicídio por região e por faixa etária - 2001

Região	10 a 19 anos	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais	Total
Região Norte	13,61	40,77	34,18	29,26	20,87	13,54	19,81
Região Nordeste	15,8	50,92	35,29	24,61	16,69	9,87	21,72
Região Sudeste	34,1	81,68	49,5	31,29	18,91	9,18	35,3
Região Sul	12,75	36,42	25,75	18,13	13,98	8,88	17,08
Região Centro-Oeste	23,6	51,75	40,59	36,05	25,64	18,26	28,4
Total	22,9	61,33	40,49	27,75	18,06	10,02	27,14

Fonte: IDH/RIPSA/MS.

IV. FATORES SOCIOECONÔMICOS E RISCOS DE HOMICÍDIO EM MUNICÍPIOS BRASILEIROS

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹, em versão preliminar, utilizou um modelo teórico para explicar a taxa de homicídios em determinada localidade. Para tanto, analisou fatores socioeconômicos que afetam os riscos de incidências de homicídios dolosos em 5.507 municípios brasileiros.

¹ Carvalho, A.; Cerqueira, D.; e Lobão, W. *Homicídios, Estrutura Socioeconômica e Disposição Espacial de Crimes no Brasil*. Brasília: IPEA, 2004 (no prelo).

A aludida pesquisa parte da hipótese de que a exclusão social leva o indivíduo a menosprezar o valor da própria vida e da vida alheia. Sendo assim, quanto maior a vulnerabilidade socioeconômica, maior deve ser a probabilidade de vitimização local.

Para testar essa hipótese, foram estimadas regressões, em que a variável dependente foi a taxa de homicídios em cada município e as variáveis independentes ou explicativas, extraídas da Base de Informações Municipais (BIM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram as seguintes: taxa de ocupação, salário médio, proporção de domicílios sem banheiro (como aproximação para desorganização social), proporção de jovens, proporção da população em áreas urbanas, proporção de crianças pobres, proporção de crianças fora da escola, proporção de adolescentes com filho, proporção de crianças analfabetas, índice de desigualdade de Gini, proporção de pessoas com renda abaixo da linha de pobreza.

O estudo concluiu, entre outros resultados, que quanto maior o grau de desestruturação social, menor o valor atribuído à vida, o que resulta em uma taxa de homicídios maior para uma certa região.

Dentre as variáveis analisadas, observa-se que uma maior proporção de jovens na população tem impacto sobre a taxa de homicídios. Verificou-se que um aumento de 10% no número de jovens em determinado municípios elevaria a taxa de homicídio em 7,6%. Essa taxa é influenciada também pela proporção de crianças pobres. Uma elevação de 10% neste número provocaria um aumento do risco de homicídios de 2%.

A variável taxa de ocupação tem menos impacto sobre a violência medida pela taxa de homicídios: um aumento de 10% na ocupação reduziria o risco de homicídios em 0,4%. O salário médio, por sua vez, está diretamente correlacionado ao homicídio. Esse fato poderia ser explicado pelo aumento da riqueza acessível, resultante do aumento salarial, que estaria sujeito a algum tipo de extorsão, o que, por sua vez, levaria ao aumento do latrocínio.

O estudo também mostrou que existe uma dependência espacial entre os riscos de homicídios nos vários municípios da amostra estudada. Isso significa que localidades vizinhas a municípios violentos tem maior risco de homicídios. Também foi verificada uma associação entre risco de homicídios e regiões metropolitanas².

V. INDÍCIOS DE CORRELAÇÃO ENTRE TAXA DE OCUPAÇÃO E VIOLÊNCIA EM ALGUNS MUNICÍPIOS DE REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS

Neste tópico, pretende-se analisar a relação existente entre desemprego e violência nos municípios de grande porte.

² Utilizou-se o conceito de região metropolitana do IBGE.

Dados geograficamente abrangentes referentes ao mercado de trabalho são extremamente escassos. As últimas informações detalhadas sobre emprego para todos os municípios brasileiros são de 1975. Desde então, são realizadas pesquisas que refletem a situação do mercado de trabalho nas seis maiores regiões metropolitanas no Brasil. Dados do Ministério do Trabalho – RAIS e CAGED – registram apenas o emprego formal e estão disponíveis para um número muito reduzido de municípios, impedindo generalizações.

Apenas recentemente foi divulgada nova pesquisa do IBGE sobre emprego com abrangência nacional. Sendo assim, o estudo se utilizou de dados censitários (Censo Demográfico de 1991 e 2000, IBGE), de forma a abranger o maior número possível de municípios de regiões metropolitanas.

A variável sobre mão-de-obra, analisada neste estudo, refere-se às pessoas ocupadas em determinado ano. Considera-se ocupada a população economicamente ativa que trabalhou nos doze meses anteriores à data de referência do Censo.

A taxa de homicídio foi extraída da base de informações do DATASUS do Ministério da Saúde e também refere-se ao ano de 2000, a fim de manter a consistência entre os dados.

Caso a tese proposta seja comprovada, é de se esperar que a variável de ocupação esteja negativamente correlacionada com o risco de homicídios, ou seja, quanto maior a taxa de ocupação menor o risco de homicídios, e vice-versa. A análise da matriz de correlação entre as variáveis comprova essa tese, visto que o índice de correlação encontrado foi negativo, o que demonstra uma relação inversamente proporcional entre ocupação e homicídios.

A fim de observar essa correlação empiricamente, os dados referentes ao percentual de pessoas com mais de dez anos ocupadas e o risco de homicídios foram classificados em ordem crescente, conforme mostra a tabela a seguir. Assim, a associação entre desemprego e homicídios seria verificada nos casos em que o município obtenha uma classificação baixa no que se refere ao percentual de pessoas ocupadas e alta no que tange o risco de homicídios e vice-versa.

Tabela 3. Riscos de homicídios por 100 mil habitantes e % de pessoas de 10 anos ou mais ocupadas, segundo municípios selecionados e por classificação crescente - 2000

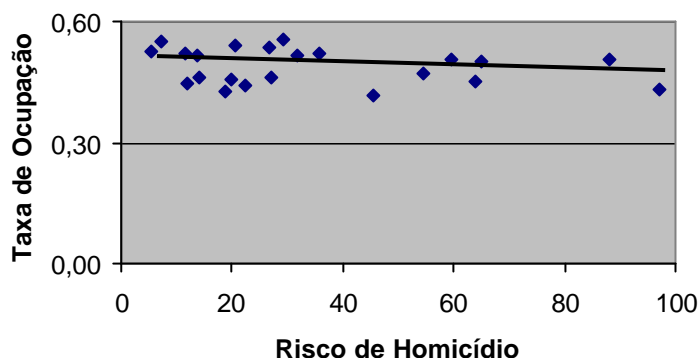
Município	Classificação % pessoas ocupadas	Classificação risco homicídios	riscos de homicídios	% pessoas de 10 anos ou mais ocupadas
Belém.....	4	10	22,43	0,44
Belo Horizonte..	14	14	31,90	0,51
Campinas.....	12	18	59,54	0,51
Curitiba.....	19	11	26,83	0,54
Florianópolis....	16	3	11,64	0,52
Fortaleza.....	8	12	27,09	0,46
Goiânia.....	22	13	29,17	0,56
Itajaí.....	15	5	13,87	0,52
Londrina.....	20	9	20,42	0,54
Maceió.....	1	16	45,37	0,42
Maringá.....	21	2	7,30	0,55
Natal.....	5	4	11,82	0,45
Petrolina.....	6	19	63,82	0,45
Porto Alegre....	17	15	35,89	0,52
Recife.....	3	22	96,98	0,43
Rio de Janeiro..	10	17	54,54	0,47
Salvador.....	9	6	14,00	0,46
São Luís.....	2	7	18,92	0,43
São Paulo.....	11	20	64,92	0,50
Teresina.....	7	8	19,75	0,45
Tubarão.....	18	1	5,48	0,52
Vitória.....	13	21	88,15	0,51

Fonte: Datasus para risco de homicídios e PNAD 2000 para população ocupada.

A relação inversamente proporcional entre percentual de pessoas com 10 anos ou mais ocupadas e risco de homicídios por 100 mil habitantes é encontrada na maior parte dos 22 municípios pesquisados. Em Belo Horizonte, Natal, Porto Alegre e Teresina essa correlação não pode ser estabelecida diretamente pela análise dos dados. Em um segundo grupo de municípios – Goiânia, Curitiba e Campinas – a correlação não é tão clara.

O diagrama de dispersão a seguir ilustra a correlação negativa entre taxa de ocupação e taxa de homicídios. A linha de tendência inserida no gráfico permite observar que a relação entre as variáveis é, de fato, levemente negativa e, portanto, a correlação entre as variáveis analisadas, apesar de existir, não é tão expressiva.

Gráfico 1. Relação entre Risco de Homicídios e Taxa de Ocupação - 2000



VI. CONCLUSÕES

O estudo sugere que altas taxas de desemprego estão correlacionadas com a violência no País, independentemente do porte dos municípios.

Taxas de ocupação e taxas de homicídios no Brasil parecem, entretanto, não estar tão fortemente correlacionadas. Observou-se que há uma associação negativa entre as variáveis, ou seja, quanto menor a taxa de ocupação maior a violência, e vice-versa. Porém, o desemprego, por si só, não é suficiente para a criminalidade.

Vários fatores devem influenciar a taxa de homicídios verificada no Brasil. Estudo do IPEA, descrito no tópico “Fatores socioeconômicos e riscos de homicídio em municípios brasileiros”, sugere que fatores como proporção da população jovem e de crianças pobres em determinado município são mais robustos para explicar a criminalidade. A localização espacial dos municípios – isto é, a proximidade a localidades violentas – é também outro fator de destaque. Igualmente, as desigualdades de renda possuem papel relevante para explicar os riscos de homicídios no Brasil.

Os dados analisados indicam que o tamanho do município, cuja desorganização social varia no sentido de seu tamanho, é um fator que pode explicar a violência. Observa-se que, em municípios de grande porte, a violência – analisada por intermédio da taxa de homicídios por 100 mil habitantes – é, em geral, mais elevada do que a observada em municípios de pequeno porte – que representam em torno de 75% do total de municípios brasileiros³.

³ Maia, G. e MacDowell, M.C.



Todavia, vale frisar que entre os dez municípios com maior taxa de homicídios no Brasil, dois têm população inferior a 20 mil habitantes, ou seja, são municípios de pequeno porte. São eles: Campo Novo de Rondônia (14.446 habitantes e quarta maior taxa de homicídios - 96,02 por 100 mil habitantes) e Chupinguaia (4.131 habitantes e nona maior taxa de homicídios - 86,40).

Os demais municípios classificados entre os 10 mais violentos do País tem população superior a 300 mil habitantes (Diadema, Serra, Recife, Ribeirão Preto e Vitória), com exceção de Itapeverica da Serra, que possui uma população de mais de 126 mil habitantes e ocupa o quinto lugar no ranking dos homicídios, e São Lourenço da Mata - 92 mil habitantes e risco de homicídios de 94,72 por 100 mil habitantes.